

## Terceiras margens da cidade: a experiência do povo de rua

*Third bank of the city: the experience of street people*

**Giovanna Olinda dos Santos Bernardino**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9292>

DOI: [10.4000/pontourbe.9292](https://doi.org/10.4000/pontourbe.9292)

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Refêrencia eletrónica

Giovanna Olinda dos Santos Bernardino, « Terceiras margens da cidade: a experiência do povo de rua », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9292> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9292>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Terceiras margens da cidade: a experiência do povo de rua

*Third bank of the city: the experience of street people*

Giovanna Olinda dos Santos Bernardino

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 26/04/2020

Aceitação / Accepted 30/08/2020

## Introduções

- 1 Os relatos esboçados a seguir fazem parte do percurso trilhado na pesquisa desenvolvida junto ao programa de pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC, que se iniciou no ano de 2018 e ainda está em curso. Apesar de ter os começos academicamente marcados há mais ou menos dois anos, minhas interações com o mundo da rua datam de tempos longínquos. Na cidade de São Paulo pude me aproximar mais de algumas esferas ligadas à essa temática, bem como me envolver com mais pessoas ao longo dos quase sete anos que mudei para essa cidade. A pesquisa que desenvolvo, mencionada acima, tem como objetivo perceber e analisar, ancorada nas contribuições de Michel Foucault - principalmente através das obras *História da Loucura* (2009), *Vigiar e Punir* (2014) e *Segurança, Território e População* (2008) - as formas de subjetivação e resistências daqueles que utilizam a rua como forma de moradia, fomentando o debate sobre os aprisionamentos do sujeito moderno e as forças das “contracondutas” que vêm dos espaços tratados historicamente como “marginais”. Dessa forma, perceber como esses sujeitos vivenciam a cidade, experienciam a vida e constroem significações diferenciadas sobre alguns aspectos do mundo coletivo é o norte da minha observação de campo constante. Os fragmentos de

memória que relatarei e mostrarei a seguir aparecem como esboços concretos dessas observações.

- 2 Algumas observações devem ser enfatizadas antes de partirmos para os relatos, de fato. A primeira delas é a escolha utilizada no título deste escrito e que traz consigo significações muito próprias. A palavra “experiência” empregada aqui se relaciona intimamente ao conceito desenvolvido por Walter Benjamin em sua vasta obra filosófica. Para esse autor o termo *Erfahrung* - palavra do alemão que tem sua tradução envolvida com os aspectos da experiência coletiva, social - expressa uma certa relação do sujeito com o mundo que não está ancorada apenas no contato rotineiro com as outras pessoas que partilham desse mesmo mundo, mas se entrelaça a certas práticas intersubjetivas específicas: é resultado do produto de um **trabalho**, não no sentido laboral do termo, mas sim algo que não se obtém de imediato, fazendo necessário um tempo para seu processamento; é marcada pela **tradição**, que evoca as questões criadas coletivamente - entrelaçando a memória coletiva com as convicções do presente, em diálogo com a continuidade; e é fruto da possibilidade de **interseção**, de comunicação que exige a presença de sujeitos hábeis para narrar e sujeitos atentos para ouvir (BENJAMIN, 1975).
- 3 Essas *experiências* benjaminianas se diferenciam do que o autor chamou de *Erlebnis* que pode ser traduzido enquanto vivências e estão relacionadas às percepções mais rasas da mente e da alma, fomentando, de maneira mais constante, as respostas rápidas do consciente aos diversos estímulos externos. A predominância da vivência e o empobrecimento das experiências, nas relações sociais, fazem com que aquele que se entrelaça com o mundo perca a sua habilidade de olhar, perca o seu "aqui e agora", perca sua “aura” em nome de uma sobrevivência no meio de espaços com estímulos constantes (Benjamin, 1975). Desse modo, a escolha da palavra experiência marca certas noções que irão se relacionar com as diferentes abordagens da temática tratada aqui, com objetivo de enfatizar a argumentação construída.
- 4 A segunda consideração diz respeito a questões de ordem metodológicas, escolhas técnicas (em sua maioria involuntárias) para que a visão relatada mais adiante se construísse. Durante minha jornada para perceber, compreender, entender e pesquisar o universo das ruas sempre foi muito difícil seguir modelos e métodos inscritos nos livros sobre pesquisas acadêmicas. As chamadas pesquisas-ação, pesquisas participativas, observações participantes não faziam muito sentido com as maneiras que eu interagia (e ainda interajo) com as pessoas que utilizam as ruas como moradia; sempre pensei que o simples fato de não ter uma entrevista gravada fosse um fator de peso negativo em minhas contribuições acadêmicas, porém os momentos em que eu me forçava para seguir uma linha mais racionalmente construída, com delimitações de perguntas objetivas, pareciam produzir um descompasso entre minha produção escrita e o que eu realmente percebia e experimentava das ruas.
- 5 Jeanne Favret-Saada (2005), por meio de sua pesquisa sobre a feitiçaria no Bocage Francês, se debruçou sobre as questões envolvendo as metodologias antropológicas e os traços dos afetos, proporcionando uma reinterpretação do próprio fazer antropológico. Favret- Saada se permitiu não apenas participar dos acontecimentos que envolviam a vida de seus interlocutores, mas sim deixar ser afetada por tais acontecimentos. Não fazendo desses momentos, aqueles destinados aos registros metodológicos, mas antes momentos para serem vividos. Longe de proteger o pesquisador das influências do campo, ou isentar o que se pesquisa de contaminações acadêmicas, essa abordagem

trazida pela autora enfatiza as reações que escapam tanto do pesquisador quanto do universo pesquisado. As situações que não podem ser narradas ganham força e as suas análises serão postas à mercê do tempo: um abraço em momento de tristeza, um olhar que consegue dizer muita coisa, uma piada não tão engraçada assim, uma resposta mais dura, um puxar de mão para atravessar uma avenida se tornam elementos ricos, porém suas interpretações e possibilidades para as formações de conhecimento estão imbricadas na necessidade de “conceder estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional”, que depende, por sua vez, das variáveis incontrolláveis do tempo e da análise de si (Favret Saada, 2005, p. 160).

- 6 Ser afetado, nos termos que Favret Saada nos propõe (2005), diz respeito a aceitar o lugar que é posto pelos interlocutores, não imaginá-lo como se fosse o próprio, se colocando imgeticamente no lugar desse indivíduo. Se a pessoa que estou interagindo diz que mora no pedaço de calçada e me convida a sentar em “sua varanda”, eu - já em estado de afetação - sentarei em sua varanda e não começarei uma conversa com a pergunta “quais são as suas dificuldades de morar na rua”, mas sim “mas hoje tá com uma cara de chuva, hein?” e o restante do diálogo e as interações vindas dele não estão mais na minha alçada de pesquisadora, mas nas contribuições da vida em si. Os métodos que permitem uma aproximação maior entre diferentes sujeitos são justamente os mesmos que impedem certos registros formais, mas em compensação fazem com que as frágeis pontes das verdadeiras experiências se tornem cada vez mais reais.
- 7 Desse modo, acredito que os relatos que se seguem não fazem parte de uma metodologia onde a empatia se coloque com força considerável, mas antes trazem relatos onde as amarras dos saberes acadêmicos foram afrouxadas para que a possibilidade de viver uma *experiência* se fizesse presente. Para entender a rua é preciso sentir mais que fazer sentido. Sem mais delongas, rumemos para os relatos.

## Claudemir, o leitor.

- 8 Conheci Claudemir e não foi totalmente por acaso, já havia notado sua presença na Rua Augusta há um tempo. Antes de me aproximar efetivamente, sempre que passava por ali tentava observar seus movimentos, seu olhar, suas rotinas, sempre de longe. Mas, manter essa observação afastada não contribuiu para o mergulho que eu me propunha fazer. Por outro lado, interagir com o povo de rua vestindo a máscara de pesquisadora e iniciar uma abordagem partindo desse lugar acadêmico, não é - como esbocei anteriormente - uma prática comum para mim. O modo como me mostro para a rua, sinalizando que estou interessada em ouvir é mais próximo à ideia de uma criança fazendo amizades no parquinho do que uma entrevistadora com perguntas pré-estabelecidas. Com essa perspectiva quase infantil, às vezes, quando passava por onde Claudemir estava sentado, dava um “oi” como se já o conhecesse há muito tempo e ele retribuía com uma certa educação corriqueira. Até então não havia parado para conversar efetivamente, pois Claudemir me parecia sempre concentrado em uma tarefa.



Fonte: Imagem feita pela autora em julho de 2019, São Paulo.

- 9 A característica marcante do Seu Claudemir é a de leitor assíduo. Sempre com a cabeça baixa, com os olhos em um livro que poderia tanto conter romances de uma certa época, quanto cálculos matemáticos ou indicações de viagens pelo Brasil. O tema não é muito relevante, Seu Claudemir lê. Lê muito e lê de tudo um pouco. Esse fato - que salta aos olhos até dos mais desatentos que passam por essa movimentada rua de São Paulo - foi o que abriu as portas para que eu pudesse finalmente iniciar uma conversa com esse sujeito. De modo que a abordagem que utilizei, para construir uma primeira ponte, não poderia ser outra a não ser a de doar um livro para ele. Eu gostaria de começar uma amizade com Seu Claudemir, mais que o fazê-lo de “meu” interlocutor, e foi pela literatura que essa amizade se deu.
- 10 No dia 8 de março de 2019 eu finalmente atravessei as barreiras invisíveis que existem entre a “povo de rua” e os cidadãos “comuns” e, com um livro na mão, perguntei se poderia sentar com ele. Seu Claudemir, sempre muito educado, me disse que poderia sim, mas para tomar cuidado “porque têm partes ali que tinham sujeiras que não saíam de jeito nenhum”. Sentei ao seu lado e disse que reparava nele há um tempo e que trouxe um livro que achei que ele iria gostar. Aparentemente essa minha ideia não era lá a invenção da roda, já que o Seu Claudemir tinha um carrinho de supermercado, que ficava encostado em uma árvore perto de sua tenda, cheio de livros e que eu só fui perceber nessa primeira conversa.
- 11 Depois desse primeiro reconhecimento um do outro, muitos diálogos aconteceram. Não era sempre que eu podia ir visitá-lo, mas nas ocasiões em que isso ocorria nós passávamos horas conversando sobre diversos assuntos. Desde história sobre as revoltas no Brasil, histórias da própria vida, funcionamentos de aviões, cotidiano da vida em São Paulo, viagens à lua, cores dos prédios, política, alimentação, e outros tópicos que surgiam por acaso. Pouquíssimas foram as vezes que senti a necessidade de fazer perguntas “objetivas”. Também não me senti à vontade para gravar essas conversas (mesmo sabendo que o Seu Claudemir não se oporia) e demorou um tempo até que eu falasse para ele que sou uma pesquisadora sobre a temática da rua. Às vezes,

eu mesma esquecia disso e acredito que foi justamente o que me fez ficar mais próxima desse universo, reforçando as contribuições vindas com Favret Saada (2005).

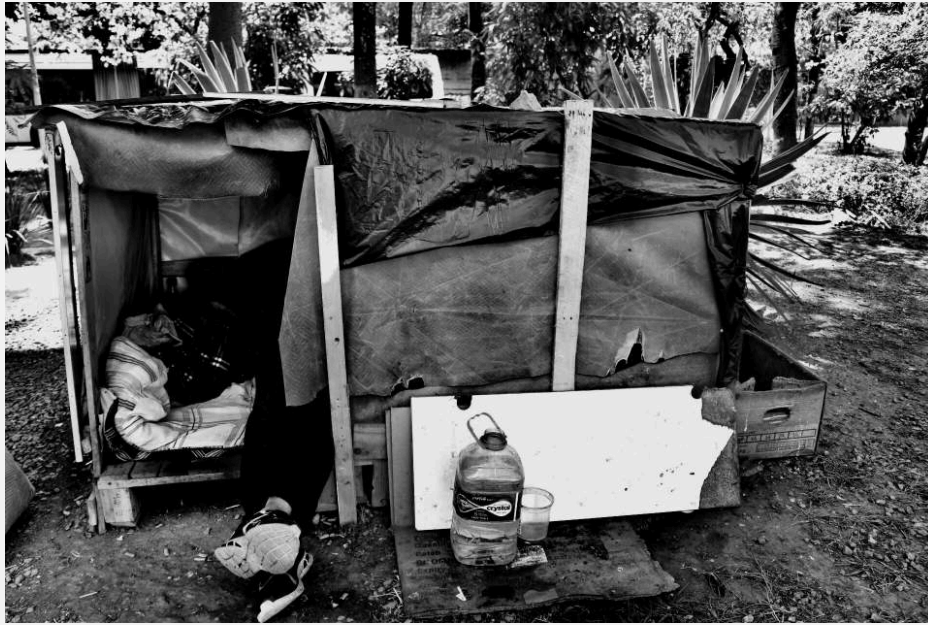
- 12 Por conversarmos sempre sentados na calçada, cada vez que eu o encontrava, uma certa noção que me acompanha há muito ficava cada vez mais evidente. Quando estávamos conversando sobre a época em que o Seu Claudemir trabalhava junto a um circo - que viajava o Brasil inteiro - fazendo a montagem e retirada das tendas (ele chegou a me explicar como criou uma técnica própria para retirar as lonas mais rápido, o que deu a ele um certo prestígio entre os companheiros circenses) eu me percebi em um ambiente diferente, perdendo a sensação de estar em uma rua tão movimentada quanto a que estávamos. Além do constante movimento de pessoas que passavam em nossa frente, havia o barulho incessante dos carros, motos e ônibus que às vezes até interrompiam nossas falas, porém as histórias e a interação da conversa pareciam ter um peso maior, que abafava os sons da multidão, tanto naquele momento, quanto posteriormente, ao resgatar as memórias dessas conversas.
- 13 Algumas vezes, alguns passantes paravam e ofereciam alguma comida ou algum dinheiro para o Seu Claudemir. A sensação que eu tinha era como se uma janela se abrisse e alguém pulasse por ela e logo depois saísse pela mesma passagem. Certas pessoas que saltavam para dentro desse lugar específico já eram conhecidas de seu Claudemir, outras não. A janela de seu espaço parecia estar escancarada para a rua, mas nem todos entravam nesse espaço aparentemente aberto ou a percebiam. Existia ali uma interação muito própria que me desafiou e ainda desafia, constantemente. Não se tratava de um local totalmente público, não era apenas uma calçada, mas também não era totalmente uma casa, onde quando estamos conversando na cozinha as pessoas que passam na rua não atravessam os muros e adentram esse recinto sem primeiro bater no portão. Quando eu precisava ir embora, me despedia do Seu Claudemir, e, ao levantar, mais uma vez a sensação de que atravessava pontes, com um gesto, estava ali presente. Seguir caminhando no fluxo depois de emergir da casa de Seu Claudemir sempre me gerou sensação singulares.

## Zé, o construtor.

- 14 São Paulo. 15 de setembro de 2019. Domingo. A linha 9 da CPTM estava interditada em certos trechos e a estação em que eu me encontrava era um desses pontos. Para compensar tal fato, a empresa responsável disponibilizou alguns ônibus para realizarem os trajetos que não estavam contemplados com os trens em manutenção. Por esse motivo, entrei em um ônibus que me levou à estação Santo Amaro (não calculada na minha primeira rota) e lá a baldeação seria feita pela rua. O papel com carimbo da CPTM, que substituiu o tíquete convencional naquele dia, nos dava a oportunidade de estar na rua por tempo indeterminado e ainda sim realizar a baldeação. E foi por meio desse imprevisto/conveniência que pude conhecer o Seu Zé.
- 15 Quando saí do ônibus, fui seguindo o fluxo que se dirigia para a estação Santo Amaro, e, no caminho, vi a casa do Zé, mas - como os outros transeuntes- continuei andando. Porém, nesse dia específico eu estava com minha máquina fotográfica na mochila, e há muito guardava a vontade de começar uma série fotográfica para registrar as casas das pessoas que moravam na rua. Para se fazer uma etnografia em que se pretenda perceber as sutilezas da vida vivida nas ruas, é preciso mais que estar preparado para os acasos da vida na metrópole, deve-se ter coragem de aproveitar os acontecimentos



aparentemente aleatórios. Assim, o pensamento de que era ali que começaria essa série foi ganhando espaço, fazendo com que meus passos diminuíssem a velocidade e meu corpo virasse em retorno, com coragem, rumo à casa do Zé.



Fonte: Imagem feita pela autora em setembro de 2019, São Paulo.

- 16 Cheguei tímida, dando um oi meio sem jeito e quase dizendo “ô de casa”. O Zé foi solícito e me respondeu com um aceno e um sorriso, que senti como se fosse um “fique à vontade, pode entrar”. Entrei. A primeira coisa que eu disse foi que a casa dele parecia muito bem construída e daí em diante a conversa fluiu naturalmente. Após um tempo conversando sobre as habilidades do Zé em manusear as madeiras e os pregos que ele achava na rua, perguntei se poderia tirar algumas fotos de sua casa e expliquei um pouco sobre o que queria com meu projeto fotográfico. O Zé concordou e disse que eu poderia fazer fotos do interior da casa também. Comecei a tirar fotos e conversar, tirar fotos e conversar. Nesse meio tempo esqueci completamente que existiam passantes naquela avenida, só fui perceber seus vultos ao ver os resultados das fotografias.
- 17 À essa altura da conversa eu já estava chamando (não intencionalmente) o Zé, de Seu Zé, e aqui vale ressaltar que parece surgir alguma coisa de familiar com o acréscimo do “Seu” antes do nome das pessoas da rua, ao contrário do costume de colocar tal pronome de tratamento para designar certo distanciamento polido.
- 18 Retratando a casa do Seu Zé, pude perceber melhor suas técnicas de construção e notar que aquela casa, por mais que estivesse na rua, carregava sentimentos profundos de lar. Porém, com as sutilezas próprias do viver e se fixar no movimento. Tudo ali parecia que iria durar por muito tempo, os pregos eram bem colocados, as estruturas estavam sólidas o suficiente para aguentar uma chuva forte, porém o relato de seu Zé trazia que não era a primeira vez que ele construía sua morada e nem que seria a última. Além de todas as possibilidades de retirada pela zeladoria urbana, existem as próprias desavenças com os “vizinhos” da rua. E o nosso interlocutor estava morando nessa localidade justamente porque “cansou” de algumas convivências onde estava fixo anteriormente. Eu, ainda com a mentalidade pretensamente racional (pensando na trabalhadeira burocrática que é mudar de casa) perguntei para o Seu Zé se ele achava

ruim ficar mudando constantemente. Ele, talvez achando essa pergunta um pouco sem lógica, me disse que era acostumado com isso e que já havia morado em muitos lugares em São Paulo. Tudo ali parecia que era sólido, mas com um sopro da vida poderiam se desfazer, e para o Seu Zé essa questão, aparentemente, não se efetivava enquanto um problema pertinente.



Fonte: Imagens feitas pela autora em setembro de 2019, São Paulo.



Fonte: Imagens feitas pela autora em setembro de 2019, São Paulo.

- 19 Outro elemento que não pude deixar de notar, que ficou preso em minhas anotações, na minha própria memória, e em uma das fotografias feitas naquele dia, foram as duas bacias de água na parte de fora da casa do Seu Zé. Perguntei se ele tinha cachorro, geralmente amigos fiéis de quem vive nas ruas. Para minha surpresa, ele me disse que, até apareciam alguns cachorros para beber a água, mas a intenção dele era a de matar a sede dos pombos. “O pessoal maltrata demais esses bichos, eu coloco água e comida para eles não fiquem comendo lixo por aí” me disse. Particularmente sempre



enxerguei os pombos como ratos com asas, reforçando os aspectos moralmente repugnantes de tais animais, mas em outras margens, em outros lugares, esses animais podem perder sua má fama tornando-se estimáveis. Os animais são os mesmos, os significados é que são outros.

- 20 Dessa maneira, com esses dois relatos, procurei dar ênfase à percepção que acompanha as minhas andanças antropológicas, que é a de atravessar pontes entre diferentes mundos. O que me restava era procurar, nos marcos teóricos, o que poderia proporcionar esse sentimento.

## Terceiros Lugares da Cidade.

- 21 Refletindo sobre os fenômenos espaciais relativos a vizinhança e estranheza, o pensador alemão George Simmel aponta que não é somente pela proximidade física ou a distância espacial que os fenômenos que se relacionam com os aspectos do considerado próximo ou longe são gerados, mas antes são produtos de diversas relações anímicas que se desenrolam no espaço e produzem certos efeitos. “É no requisito de funções anímicas para cada uma das figurações históricas do espaço que se espelha o fato de que o espaço em geral é apenas uma atividade da alma, apenas a maneira humana de unir estímulos sensoriais em si desconexos em visões unitárias” (Simmel, 2013: 76).
- 22 Podemos pensar a partir dessa reflexão que a cidade não é apenas uma, que dentro de um mesmo espaço geográfico, em cima de uma mesma calçada, o espaço não é o mesmo para aqueles que estão ali convivendo ao mesmo tempo. As ruas da cidade podem ser prisões para uns e formas de liberdades para outros. A calçada pode ser passagem ou morada. O que a contribuição de Simmel traz de mais imponente é a força que a alma, os processos históricos e as relações que ultrapassam apenas as das trocas monetárias têm nas configurações da existência social.
- 23 Em sua dissertação *A Rua em Movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua*, Daniel de Lucca R. Costa (2007) - utilizando diferentes narrativas de pessoas envolvidas com o mundo da rua e entendendo esse universo enquanto um dispositivo próprio, que insere a sua especificidade nos arranjos da cidade - irá pontuar que as relações de proximidades e distâncias coexistem nos espaços urbanos. A tentativa de homogeneizar a população de rua enquanto uma comunidade só tenderia, então, para a perda das potencialidades e expressões das diversas subjetividades existentes nesse universo, que tem como parte de sua vida a experiência sob o signo da circulação e da mobilidade (De Lucca, 2007). Mobilidade essa que não é apenas territorialmente física, mas também identitária, moral, social, política, econômica, religiosa etc.
- 24 Jorge Garcia de Holanda (2017), realizando um estudo etnográfico sobre a população de rua em Fortaleza, também nos fornece materiais vindos com as narrativas de sujeitos que vivem o e no mundo das ruas, que são fundamentais para entendermos as lógicas de vida dessas pessoas. Entendendo a rua enquanto um “sistema de ação” o autor reforça as noções ligadas à heterogeneidade dos espaços físicos que envolvem essas vidas vividas na rua. Afirma que as possibilidades existentes na cidade se abrem para um fluxo aberto de toda ordem, fazendo com que uma mesma localidade seja sentida, percebida e utilizada de formas tão vasta quanto permitir a imaginação de cada pessoa

- que irá se relacionar com aquele lugar. As localidades, nas palavras de Holanda “não são áreas delimitadas que atendem a funções específicas no dia a dia dessas pessoas, mas espaços abertos, tanto quanto as ruas por onde se transita” (Holanda, 2017: 44).
- 25 Ainda com relação às contribuições do autor acima, temos que as ações do habitar a rua se configuram menos pelas lógicas tradicionais e mais enquanto um modo próprio, singular e distinto de ocupar o espaço da cidade. Os sujeitos que desenvolvem suas vidas nessas especificidades acabam por construir modos de morar e viver que escapam até à própria lógica estabelecida pela rua. Fazendo com que os espaços deixem “de corresponder unicamente ao espaço público” (Holanda, 2017: 71).
- 26 Em conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos no ano de 1967, Michel Foucault escreveu um texto do qual só autorizou a publicação no ano de 1984, tendo seu título traduzido como “Outros espaços” (2013). Nesse texto, o autor discorreu sobre aqueles lugares que “têm a curiosa propriedade de estar em relação com os outros posicionamentos, mas de um modo tal que eles suspendem, neutralizam, ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas” (Foucault, 2009: 414).
- 27 Tais espaços podem ser divididos em dois grupos, aqueles de que fazem parte os posicionamentos que não têm uma localidade real, chamados então de *utopias* por carregarem em si os aspectos de irrealidades; e o grupo daqueles posicionamentos que ocupam lugares efetivos, lugares físicos, reais que “são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de “contraposicionamentos”, lugares que “estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis”. Chamadas de *heterotopias*, esses outros lugares apresentam certos princípios. Entre eles é apontado que as heterotopias têm uma funcionalidade. Ou elas criam espaços ilusórios, que denunciam a ilusão maior dos outros posicionamentos da vida humana mantida em compartimentos, ou então criam outros espaços que são perfeitamente construídos e meticulosamente arrumados, evidenciando o caos em que estão inseridos aqueles espaços não heterotópicos (Foucault, 2009: 415).
- 28 No conto singelamente profundo de Guimarães Rosa, “A Terceira Margem do Rio”, temos a estória contada pelo filho de um homem que era “cumpridor, ordeiro, positivo” (Rosa, 1985: 32) - tanto que as pessoas ditas “sensatas” reforçavam essa ideia quando lhe perguntavam sobre a personagem em questão. Entretanto, esse sujeito ordeiro resolve - sem dar nenhuma explicação - fazer uma canoa resistente para si que tinha espaço somente o do remador. Os questionamentos racionais do porquê se instalam por toda cidade, e o pai cumpridor não diz palavra sobre suas motivações, apenas entra em seu barco e se solta na realidade do rio, “por aí”. O narrador, criança na época, se anima com tal acontecimento e até pergunta ao pai se pode ir junto dele, o pai não o leva - vai sozinho rumo ao desconhecido.
- 29 “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte”. Permanecendo nos espaços do rio, num não-lugar fixo, onde as margens não o alcançam, vivendo no meio-a-meio, o pai suscita a falação dos parentes e vizinhos. “A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente”. Logo foi enquadrado pelos Conselhos da Comunidade enquanto um ser doido, pagador de promessa, doente, leproso. O pai “se despertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele” (Rosa, 1985: 33).
- 30 O tempo passa e as vidas correm no rio e fora dele, as conexões entre essas diferentes realidades se dão não apenas com as trocas físicas - onde o filho leva comida e deixa na beira do rio para o pai - mas também nos escuros das imaginações, nas dobras da

memória. A vida do pai na canoa despertava constantemente o interesse do filho, como ele poderia viver daquele jeito? Como os perigos dos rios eram postos e o pai os enfrentava, sendo que não se firmava em nenhuma das margens, nem pisava mais em chão?, não tinha “luz feita, nunca mais riscou um fósforo” (Rosa, 1985: 34).

- 31 O narrador permanece ancorado na representação de vida do pai e sente o doer da culpa daquilo que o próprio nem sabia o que era. Com essas dores abertas, o pensamento vai se formando e tomando força e o menino, já homem, se vê na situação de questionar sua própria sanidade e afirma que ter a coragem de fazer o que desde pequeno queria - ir para si, no curso do rio - não era loucura. “Ninguém é doido. Ou, então, todos”. Com a escolha de finalmente seguir os caminhos do pai o coração do narrador “bateu no compasso do mais certo” (Rosa, 1985:36).
- 32 E quando chega o derradeiro momento de encontro, em que o pai depois de tantos anos reage a um estímulo vindo das gentes da margem, o narrador estremece e foge. O desatino se faz. O narrador se arrepende, sofre e adoce. Do pai não se ouve mais dizer. O narrador é “o que não foi, o que vai ficar calado”. E, ao fim do contado, sua esperança é que, na pequena glória de sua morte, seu corpo seja depositado - numa ínfima canoa - nas águas do rio que não para, no fluído do vivo, para que ele siga rindo no “rio abaixo, rio a fora, rio a dentro - o rio” (Rosa, 1985:37).
- 33 O barco, sublinha Foucault em *Outros Lugares* (2009), é um pedaço de espaço que flutua, um lugar que não tem lugar e vive por conta própria, que se fecha em si e se abre para o mundo. O barco é considerado como uma gigantesca reserva de imaginação, “o navio é a heterotopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos se esgotam” (Foucault, 2009: 422).
- 34 Portanto, o que gostaria de enfatizar com esses relatos etnográficos são as noções que gravitam em torno da seguinte questão: as pessoas que moram na rua, por viver em uma espécie de “outro lugar” - que não é nem fora, nem dentro; nem inseridos na sociedade considerada normal e nem excluídos por completo delas; nem na margem, nem no rio - apresentam outras perspectivas da vida coletiva que podem carregar outras possibilidades e formas de existir coletivamente. Não queremos dizer com isso devemos todos seguir seus passos e montar uma barraca na Av. Paulista, mas que a todo momento essas pessoas estão presentes para indicar que os modelos que foram construídos de como morar, vestir, trabalhar, dormir, amar, ter posses etc. não são as formas únicas de experimentar a vida.
- 35 Ao refletir esses espaços não apenas pelas vias das repressões, mas fomentando a percepção de que a rua se configura como uma terceira margem das formas de existir, outras possibilidades de se entender essa realidade começam a se fortalecer. Alertar, cotidianamente, de que outros mundos são possíveis é uma dessas possibilidades.
- 36 Creio que se tirarmos os óculos que fazem essas pessoas surgirem no horizonte como vagabundos, marginais, coitados etc. e repararmos que tais pessoas podem, na verdade, nos ensinar sobre outros mundos, sobre outras facetas da liberdade, poderíamos construir pontes de colaborações singulares. Não apenas para fortalecer as questões dos laços sociais, mas também eu ousaria dizer: principalmente, para fortalecer a travessia rumo a si. As pontes que nos ligam às terceiras margens estão aí, por toda parte, o esforço não está em vê-las, mas em repará-las.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. **Sobre Alguns temas em Baudelaire**: Trad. Edson A. Cabral, José B. de O. Damião.. São Paulo: Abril - Coleção Os Pensadores, 1975. 35 p.
- DE LUCCA, Daniel. **A Rua em movimento** – experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua. Dissertação de mestrado. USP, São Paulo, 2007.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. **Ser afetado**. Cadernos de Campo n.13. p.155-161.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. - São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso dado no Collège de France. Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**; tradução Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Estud. av., São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013 .
- HOLANDA, Jorge Garcia de. **O sistema da rua em ação**: uma etnografia com moradores de rua em Fortaleza (CE). Porto Alegre: Ufrgs, 2017. Dissertação de mestrado em Antropologia Social.
- ROSA, J. Guimarães. **A terceira margem do rio**. In: Primeiras estórias. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia do espaço**. Estud. av., São Paulo, v. 27, n. 79, p. 75-112, 2013 .

## RESUMOS

Starting from ethnographic experiences lived with two interlocutors who make the streets of the city of São Paulo their homes (Claudemir, located on the famous Rua Augusta e Zé, which was established around of the Santo Amaro Metro), this article aims to foster the debate on the singularities of ethnographic practice in the universe of streets. Using a Foucaultian theoretical analysis perspective, linked to the contributions of Walter Benjamin and Georg Simmel, the analysis emphasizes the different possibilities of perceiving these lives in other keys that are not only linked to repression, repairing the subjects in question not in the margins of society, but in a kind of "third bank" of the city.

Partindo de experiências etnográficas vividas junto a dois interlocutores que fazem das ruas da cidade de São Paulo suas moradas (Claudemir, situado na famosa Rua Augusta e Zé, que se estabeleceu nos arredores do Metrô Santo Amaro), esse artigo pretende fomentar o debate sobre as singularidades da prática etnográfica no universo das ruas, mas, principalmente, refletir sobre as construções diferenciais de significados que aparecem nesses "outros lugares" da cidade. Utilizando-se de uma perspectiva teórica foucaultiana, unida às contribuições de Walter Benjamin e Georg Simmel, a análise enfatiza as distintas possibilidades de perceber essas vidas em outras chaves que não ligadas apenas à repressão, reparando os sujeitos em questão não à margem da sociedade, mas sim em uma espécie de "terceira margem" da urbe.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** população em situação de rua, morador de rua, Michel Foucault, Walter Benjamin, Georg Simmel, espaço urbano

**Keywords:** homeless population, street dweller, Michel Foucault, Walter Benjamin, Georg Simmel, urban space

## AUTOR

**GIOVANNA OLINDA DOS SANTOS BERNARDINO**

Bacharel em Ciências e Humanidades e Mestranda em Ciências Humanas e Sociais na Universidade Federal do ABC.

E-mail: gi.bernardino@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6434-4115>